

## O contexto da cultura surda entre os Ka'apor

## The context of deaf culture among the Ka'apor

DOI: 10.55905/rcssv12n5-014

Received on: August 25<sup>th</sup>, 2023

Accepted on: September 25<sup>th</sup>, 2023

### **Fernanda Lopes Viana**

Mestranda em Cultura e Sociedade

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária, Campus do Bacanga,  
São Luís, MA, CEP: 65085-580

E-mail: viana.fernanda@discente.ufma.br

### **Priscila Milena Costa Chahini**

Mestranda em Cultura e Sociedade

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária, Campus do Bacanga,  
São Luís, MA, CEP: 65085-580

E-mail: chahini@hotmail.com

### **Wlisses Figueiredo Matos**

Mestrando em Cultura e Sociedade

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária, Campus do Bacanga,  
São Luís, MA, CEP: 65085-580

E-mail: wlisses.figueiredo@discente.ufma.br

### **Thelma Helena Costa Chahini**

Pós-Doutora em Educação Especial

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966, Cidade Universitária, Campus do Bacanga,  
São Luís, MA, CEP: 65085-580

E-mail: thelmachahini@hotmail.com

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo geral analisar os processos culturais de indivíduos Surdos na comunidade Ka'apor. Esse povo atualmente ocupa a Terra Indígena Alto do Turiacu, localizada no Estado do Maranhão. Esse artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica em duas etapas interconectadas, a primeira aborda o conceito de cultura e cultura Surda, fundamentada em artigos, em periódicos, livros, monografias, dissertações que versam sobre esta temática e, a segunda, verifica a viabilidade da existência de uma cultura Surda entre os Ka'apor, a partir de uma análise nos registros encontrados.

**Palavras-chave:** língua de sinais, Ka'apor, cultura, cultura surda.

## ABSTRACT

The present article has the general objective of analyzing the cultural processes of Deaf individuals in the Ka'apor community. These people currently occupy the Alto do Turiaçu Indigenous Land, located in the State of Maranhão. This is a bibliographic research in two interconnected stages, the first one addresses the concept of culture and Deaf culture, based on articles in periodicals, books, monographs, dissertations that deal with this theme and, the second, verifies the viability of the existence of a Deaf culture among the Ka'apor, based on an analysis of the records found.

**Keywords:** sign language, Ka'apor, culture, deaf culture.

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores enfoques da atualidade, no que tange à promoção de espaços acessíveis às pessoas com deficiência e/ou com transtornos, tem sido dado aos indivíduos surdos. Tal acessibilidade é percebida, por exemplo, com a constante visibilidade de interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e/ou inserção de legendas, em shows, palestras de órgãos oficiais da maioria dos governos, telejornais, entre outros espaços. Evidente destacar a presença crescente da temática da Língua de Sinais nos debates internacionais também, como por exemplo o longa-metragem vencedor do Oscar do ano de 2022, *CODA*, que além da premiação principal, honrou o talento do ator Surdo Troy Kotsur com o prêmio de melhor ator coadjuvante.

A visibilização das questões associadas à surdez no contexto atual, são frutos de constantes lutas e resistências do Movimento Surdo que perduram séculos de estigmatização e reducionismos, dados que foram fortemente influenciados por concepções científicas e consequentes construções históricas, sociais e culturais de suas próprias humanidades. Desde os primórdios de sua própria existência que estes indivíduos eram inferiorizados por uma categoria de humanos que se autointitulam normais, silenciando-os em diversos sentidos da palavra silêncio. Tal perspectiva de aniquilamento da diferença, se assemelha às adotadas pelos impérios europeus e suas práticas colonialistas, perceptíveis nas relações que os europeus mantinham com os outros povos, Kilomba (2019, p. 33) nomeia de “máscara do silenciamento” que “simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento”. Entretanto, estas “máscaras” começam a ser rompidas, a partir do Congresso de Milão de 1880, uma vez que a Língua de Sinais passou a ser utilizada como apoio à Língua oral, dando o início de uma sistematização geral para educação de surdos (Rocha, 2010).

Neste contexto é importante ressaltar, a percepção de existência do indivíduo Surdo sendo construída socialmente a partir da ótica do mundo ouvinte, uma vez que a Língua de Sinais era um suporte para o Oralismo, permanecendo, até o presente, abarrotadas de representações reducionistas nas esferas culturais, sociais, políticas, educacionais, entre outras (Rocha, 2010). Tal situação exemplifica a ótica colonialista demarcando a relação de poder historicizada por repressões entre desiguais, reforçando privilégios a determinados grupos e inferiorizando outros, em relações nas quais o privilegiado não só controla e domina o outro como também estrutura coações de ordem social, educacional e cultural de grupos subalternizados, tal como afirma Segato (2012, p. 128): “a estratégia da transversalização não é outra coisa que um eufemismo para nomear a inferiorização e parcialização colonial/ moderna”. Importante citar também, o que o docente-pesquisador Skliar (2016, p. 13) enfatiza sobre a surdez ser “uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos”.

Na ótica explicitada por Skliar (2016), da surdez sendo construída socialmente e ancorada em significações, que emergiu o recorte desta pesquisa, ao preponderar as lutas e resistências do povo indígena autodenominado de “Ka'apor ou Ka'apór”, nomenclatura derivada de Ka'a-pypor, “pegadas na mata” ou “pegadas da mata”. Sobre as denominações díspares alcunhadas a estes povos por europeus e luso-brasileiros, é importante salientar o caráter colonialista que estrutura a percepção do olhar sobre estes povos, a partir de uma dada nomenclatura que se alastra de forma sistêmica pelas esferas culturais, educacionais, políticas, entre outras. Dentre as alcunhas dadas a estes povos estão as “de Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor.” (Balée, 1989, 1992, 1993; Ribeiro, 1976, 1996).

Desta forma, é importante salientar que neste artigo, utilizaremos a nomenclatura autodenominada pelo próprio povo em questão, no caso Ka'apor, dada as razões supracitadas, bem como o termo Surdo “com S maiúsculo” em pontos estratégicos do texto como mecanismo de empoderamento pela escrita e pela palavra, evidenciando nosso posicionamento anuente à identidade social experienciadas por estes indivíduos em seus contextos sociais, históricos e culturais, condizente também com nossa postura enquanto pesquisadores em Cultura e Sociedade. Ressaltamos que esta postura estratégica também é utilizada por Castro Júnior (2011) e Lane (2008).

Concomitante a isso, que pontuamos que a priorização dos Ka'apor nesta pesquisa é dada pela existência de uma Língua de Sinais entre o seu povo, fator que nos despertou interesse acadêmico para a observação dos registros que caracterizariam a influência desta para constituição de uma cultura Surda entre este povo.

Diante do exposto, o problema de pesquisa indaga: É possível uma cultura Surda entre os Ka'apor? Primando pela resolução desta problemática e devido a flexibilidade de variáveis possíveis de serem encontradas, considerando os mais variados aspectos relativos ao fato estudado esta pesquisa se caracteriza como do tipo exploratória e como intencionamos descrever as características de determinada população (Ka'apor Surdos) e/ou fenômeno (traços característicos de uma cultura, no caso a Surda) ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (a existência de uma cultura surda e a Língua de Sinais), esta pesquisa também se caracteriza como descritiva (Gil, 2002).

Assim, este artigo baseia-se em método de pesquisa de revisão de literatura tradicional, tendo por objeto duas modalidades interconectadas, a primeira seria a análise sobre o conceito de cultura e cultura Surda, fundamentado em teóricos que versam sobre esta temática, e ainda, a segunda modalidade que seria a análise da viabilidade de existência de uma cultura Surda existente entre os Ka'apor, a partir de uma observação dos registros encontrados sobre o tema abordado.

## **2 O CONTEXTO DA CULTURA SURDA**

### **2.1 É POSSÍVEL UMA CULTURA SURDA ENTRE OS SURDOS?**

Esta simples indagação temática traz por si só, questionamentos paralelos intrinsecamente sistematizados numa perspectiva complexa de mundo ocidental que hierarquiza certos indivíduos em categorias normatizadas de normalidade, subalternizando outros, outorgando aos privilegiados a elaboração de medidas paliativas para encaixe social atreladas, em sua maioria, a pressupostos carregados de colonialidade. Entende-se este termo, na perspectiva do sociólogo peruano Quijano (2005), que caracteriza esta colonialidade como uma espécie de invasão ao imaginário do outro (sua ocidentalização), em que o colonizador aniquila o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o seu próprio.

Tal estabelecimento de hierarquização decolonial de pessoas em sociedade, também se perpetua na perspectiva do termo cultura uma vez que este também é

constituído a partir da diferença, e esta carrega em si significações políticas, históricas e sociais:

A diferença como significação política é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante (Skliar, 2016, p. 6).

Isto posto, faz-se preponderante destacar que a ao se indagar sobre a existência ou não de cultura entre determinado grupo de pessoas, é importante conceituar o que alguns teóricos pensam sobre o termo, uma vez que existem diferentes aspectos a serem pontuados, como sinalizado por Perlin (2004, p. 74): “os diferentes conceitos de cultura estão aí para compreender as diferentes posições de cultura”. No mesmo contexto, Eagleton (2003, p. 52) resume cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem a forma de vida de um grupo específico”. Já White e Dillingham (2009, p. 29) delineiam que “o papel da cultura é tornar a vida segura e duradoura para a espécie humana”. Sendo assim, é notória a complexidade e amplitude do conceito de cultura, pontuando o seu caráter de transmissibilidade, dado que é repassada através da comunicação, convívio e imitação de determinado grupo social às próximas gerações.

Concernente à questão da anuência externa para a categorização de uma cultura Surda dificultaria a livre expressão destes indivíduos enquanto comunidade, como afirma Castro Júnior (2015, p. 12) “Quais são os pressupostos que invalidam ou validam a aceitação da particular cultura surda? E se todo Ser tem direito a sua particularidade, suas gírias, seus gostos e aceites, por que não compreender ou por que apresentar resistência a tal fenômeno social?”. Para o doutor em Linguística a problemática se daria da seguinte maneira:

O paradigma que concerne a esta questão está relacionado com o fato de que a academia, bem como os estudos, de um modo geral, na área de educação de Surdos, possui uma marca do pensamento Aristotélico, estabelecendo uma abordagem educacional voltada para a filosofia do oralismo que estabeleceu toda uma produção em torno da visão clínica da surdez, constituindo a fala como uma necessidade de solução da inserção do Surdo na sociedade [...]. Posteriormente, observações demonstraram que esta visão era falha e foi sendo substituída, após intensas e diversas resistências por parte da comunidade surda na luta pelo reconhecimento da língua de sinais e que, por 13 sua vez, legitima sua cultura e especificidade linguísticas em todas as suas produções, principalmente a partir dos estudos do linguista Stokoe, em 1960, que reconhece o status linguístico da língua de sinais, por meio da Língua de Sinais Americana (ASL) (Castro Júnior, 2015, p. 12-13).

Além desta problemática supracitada, também emerge ao debate as considerações concernentes à dualidade presente no entendimento sobre a surdez, pelo viés clínico e o educacional, ambos norteadores dos serviços e das políticas públicas voltadas para esta comunidade. Normalmente, a percepção clínica tem sido preponderante inclusive para nortear os processos educacionais para o indivíduo Surdo. Desta forma, este olhar patologizante sobre a surdez a caracteriza como uma deficiência, marcadamente identificada pela ausência de normalidade, ou simplesmente “falta de oralidade, falta de estímulos sonoros, fomentando intervenções cirúrgicas, como o implante coclear” (Castro Júnior, 2015, p. 13). Tal percepção advém de um ideal de cultura mítica burguesa que prima pela homogeneização dos indivíduos, de uma civilidade etnocêntrica outorgando regras normatizadoras de conduta e de indivíduos. Se o normal é ser ouvinte, o Surdo precisa se ajustar às regras e se adequar à pretensa normalidade.

Este caráter evolucionista e etnocêntrico presente nas concepções sobre cultura até meados do século XIX, foi refutado especialmente pelo antropólogo Boas (2004), ao propor o relativismo cultural como método histórico de pluralizar a cultura, relativizando-a de um caráter único para um múltiplo, dissociando-o do conceito de raça. Entretanto seria com Geertz (1978, p. 22), que o termo cultura tomaria uma concepção mais interpretativa, dado que o antropólogo reunirá afirmações weberianas sobre o homem estar entrelaçado em teias de significados que ele mesmo teceu, visando definir cultura como uma ciência interpretativa em busca de significados. De acordo com o autor, esta concepção semiótica sobre a cultura a considera como “pública, porque o significado o é”, uma própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido às suas ações. Segundo ele, esta existe na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados. Ao tratar do conceito de cultura sob o aspecto semiótico, acreditamos que ele contribui para entendermos as questões estruturais da sociedade nas diversas épocas e realidades contextuais e, sobretudo, das diferenças e transformações que vêm ocorrendo na pós-modernidade.

Sobre a abordagem etnocêntrica sobre cultura, a doutora em Educação, docente e pesquisadora surda Pinto (2001, p. 38), aponta o multiculturalismo como uma forma de enfrentamento e em defesa de uma cultura Surda. Para ela, ele seria necessário para que o indivíduo se valorizasse enquanto sujeito social, expressando suas diferenças, suas especificidades culturais em busca de uma afirmação cultural. Assim: “É um movimento

social em oposição a todas ações homogeneizadas da vida social. É uma oposição a todas as tentativas dos outros a imprimirem a cultura dominante, vigente sobre uma outra cultura preexistente: a cultura surda”.

Neste contexto, a primeira surda a obter o título de doutora no Brasil, Perlin (1998, p. 57), pondera que:

É preciso manter estratégias para que a cultura dominante não reforce as posições de poder e privilégio. É necessário manter uma posição intercultural mesmo que seio de riscos. A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural.

A perspectiva semiótica, proposta por Geertz (1978), de cultura como orientadora de comportamentos percebidos na interpretação social se encaixa na ótica para a afirmação da existência de uma cultura Surda, uma vez que a Língua de sinais é um dos principais recursos de significação social para o indivíduo Surdo, “um sistema que se utiliza da visão e do espaço para estabelecer interações sociais” (Castro Júnior, 2015, p. 16). Assim, a língua excede a proposta de uma comunicação simplória e se estabelece como um mecanismo através do qual os indivíduos Surdos exteriorizam suas subjetividades e reafirmam suas identidades. Wrigley (1996, p. 14) aponta que esta temática a Língua de sinais seria “uma, senão a, característica que define a auto-identidade como pertencente a uma minoria linguística ou étnica é ter e usar sua própria língua”.

Como compreende a docente e pesquisadora Sá (2006), a cultura surda é constituída por codificações próprias do povo Surdo, com estruturas e significações particulares de valor, características singulares para a definição de uma auto identidade de uma minoria linguística ou étnica, não significando que para a participação de uma comunidade surda, seria necessário o domínio da Língua de Sinais, muito pelo contrário, a ideia é de valorização de uma cultura pela sua própria Língua e não de exclusão de indivíduos. Assim, destacamos que a cultura Surda vai além da utilização da Língua de sinais como um artefato cultural de significação do mundo para o indivíduo Surdo, outros artefatos emergem deste processo de autoafirmação identitária, principalmente no que tange à consciência Surda de ser distinta, de necessitar de recursos completamente visuais e das implicações advindos desta postura afirmativa (Martins, 2005). Exemplos são percebidos ao longo da comunidade Surda, tais como:

Artistas e obras que valorizam a escrita de língua de sinais, representada através de registros videográficos, a Libras, o intérprete de Libras, as adaptações no esporte, como no futebol que utiliza uma bandeira no lugar do apito, no atletismo e na natação, que utilizam flash de luz em substituição do sinal sonoro ou da pistola, dentre outros meios da experiência visual (Castro Júnior, 2015, p. 21-22).

Este contexto de valorização do espaço visual são marcas presentes da cultura Surda, advindas da luta política da comunidade Surda no ambiente “normalizado” pelos ouvintes. Além dos avanços citados no início deste texto, estão a presença constante de legendas em filmes, uma socialização baseada em vídeos, ou mensagens de texto, sendo inserida também no ambiente empresarial, entre outras. O docente e pesquisador Martins (2005) destaca a cultura como uma luta constante por significados e poderes, permeada por algumas conquistas e ganhos, sendo elas que possibilitam ao indivíduo Surdo a constituição de sua própria identidade.

## 2.2 CONTEXTUALIZANDO A COMUNIDADE KA'APOR

O termo *Ka'apor* é uma autodenominação grupal, demonstrando a preferência desse povo por habitações em terras firmes, corriqueiramente “construindo as suas aldeias no interior da floresta amazônica” (Garcés *et al.*, 2017, p. 719). Para os Ka'apor, a origem do grupo advém, como tantos falantes do tronco linguístico Tupi, de *Maíra* ou *Mair*, ser místico das narrativas ancestrais que criou tudo, todos e o que é necessário para sobrevivência, como explicou Métraux (1979) sobre a espiritualidade desses povos.

Os primeiros contatos com essa população datam de pelo menos trezentos anos, entre o rio Tocantins e o rio Xingu (Pará). Esse grupo teria sido avistado algumas vezes, segundo documentos renomados pela história documentada, se estabeleceram sucessivamente nas bacias do rio Acará (ca. 1810), rio Capim (ca. 1825), rio Guamá (1864), rio Piriá (1875) e rio Maracaçumé (1878) (Balée, 1994) (1998). Naquele período, eram conhecidos como um dos povos nativos “mais hostis” do território nacional, ironicamente, esse título surge devido à organização dos guerreiros Ka'apor em defesa do seu povo.

Segundo a etnografia de Ribeiro (1974), no ano de 1874, fugindo de confrontos com outros nativos e invasores luso-brasileiros, os Ka'apor iniciaram mais um processo de migração territorial, entrando em confrontos com moradores de um quilombo no lado direito do rio Gurupi – Maranhão, habitando gradativamente o antigo local desses

refugiados negros (mocambos), estabelecendo, assim, a primeira aldeia Ka'apor no Maranhão e o marco dessa migração para o Estado.

Estabelecidos em terras maranhenses, o processo de invasão<sup>1</sup> desse grupo teve sua primeira tentativa no ano de 1911. Todavia, apenas em 1928 ocorreu o contato efetivamente, através do Sistema de Proteção aos Índios (SPI), que tinha como objetivo integrar as populações indígenas à “sociedade nacional”. O SPI promoveu antes da invasão diversas tentativas de contato: utilizavam ferramentas de aço, tabaco, sal e diversos objetos como presentes para obter atenção do grupo às margens do rio Gurupi. Alguns presentes foram aceitos e outros hostilizados por guerreiros Ka'apor. Essa recepção hostil por parte dos Ka'apor é detalhada na primeira expedição de Ribeiro (1996), possivelmente um dos primeiros contatos de invasão do povo Ka'apor, como se percebe no relato a seguir.

Os moradores de uma aldeia que ficava num braço do Maracaçumé estavam em festa, bebendo cauim, quando chegaram os brancos. Ninguém viu. Só uma mulher que foi ao córrego voltou contando que um homem de chapéu, um *karaiwa*<sup>2</sup>, estava do outro lado. Tinha feito sinais para ela, convidando-a a ter relações com ele, mas ninguém levou a sério. No dia seguinte, quando acordaram, viram que ao redor da aldeia havia muito rastro de gente calçada. Saíram pesquisando e, um quilômetro adiante, viram um curral e uns homens de fora. Enquanto eles bebiam, os brancos cortaram paus para fazer aquele cercado, de uns cinco metros de raio, na margem de um igarapé. Quando os índios foram percebidos, um dos homens saiu com terçados e panos na mão gritando: ‘Temos terçados. Temos panos. Temos miçangas, tudo para vocês’. Gritava oferecendo aquelas coisas. Um dos índios aproximou-se enquanto os outros gritavam, ameaçando. Quando chegou bem perto, flechou o que estava falando; a flecha não pegou, mas o homem entrou para o curral. Aí, todo o grupo rodeou e começou a atirar taquaras, encheram o curral de taquaras. Os brancos, lá dentro, gritavam que tinham presentes para eles e que parassem de flechar, senão os matariam a balas. A certa hora, começaram a atirar sobre os índios e feriram um que subira numa árvore para atingi-los com flecha por cima do cercado. Este morreu. Era aquele Na-irã, que foi o primeiro a aproximar-se e a atirar nos brancos. À noite, os brancos fugiram, deixando a casa cheia de coisas que os índios carregaram: terçados, facas, tesouras, miçangas, panos, tudo vermelho de sangue (Ribeiro, 1996, p. 267).

A partir desse relato, especificamente, pode-se compreender a forma como ocorriam esses processos de contato com grupos “isolados” na Amazônia, ainda no início do século XX e séculos anteriores. De acordo com Dias e Menendez (2021, p. 37) “é possível afirmar que a atuação do Estado foi extremamente violenta na tentativa de

---

<sup>1</sup> A palavra **invasão** no presente artigo faz referência ao processo de “pacificação” promovido pelo governo nacional, na justificativa racista de tornar essas populações indígenas “pacíficas” ao contato com a chamada “população brasileira”.

<sup>2</sup> Como também são chamados os não indígenas *Karaiwa*, *Karai*, *Carai*.

invisibilizar os indígenas na construção da Nação brasileira”, o SPI foi uma dessas ferramentas de invisibilidade que, promoveu com essas invasões perdas imensuráveis, danos principalmente culturais e populacionais.

O comportamento e repulsa desse contato deve ser avaliado como coerente, visto que, na prática, essas atitudes dos *não-indígenas* para essas populações originárias significavam – e significam – uma invasão a suas culturas, logo, com o povo Ka’apor não fora diferente, as tentativas atuais de negar as memórias territoriais e o pertencimento dos Ka’apor apenas demonstram a “posição de marginalidade e silêncio que o pós-colonialismo prescreve” (Kilomba, 2019, p. 33).

Os confrontos no território amazônico se intensificaram a partir das invasões territoriais promovidas principalmente por madeireiros ilegais na década de 1960. Incentivados pelo governo militar, que buscava progresso em territórios “desconhecidos”, assegurou apropriações de terras amazônicas, afetando diretamente comunidades tradicionais, em sua maioria indígena, como os Ka’apor.

A partir dos anos de 1990, a situação se agravou e a violência tornou-se mais frequente, se estendendo de forma agressiva até a organização política Ka’apor no início dos anos 2000. Desse modo, surgiram associações, assembleias, monitoramento da floresta e ações enérgicas por parte dos Ka’apor, na tentativa de preservar a reserva indígena e seu povo. Entretanto, isso não significa ataques cessados, mas a integração grupal dos Ka’apor com o mesmo objetivo: retirar exploradores do seu território (López Palomino, 2017). Entretanto, apesar da resistência e articulação do grupo, aconteceram – e acontecem – perseguições e assassinatos na Terra Indígena do povo Ka’apor.

Os atuais Ka’apor vivem na Terra Indígena (TI) Alto do Turiaçu, uma reserva protegida que se adequa geograficamente na região amazônica, localizada no Estado do Maranhão, tendo uma extensão de 530.525 hectares, demarcada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1978.

Até o registro do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), a população na Terra Indígena era de 1.584 habitantes, totalizando hoje cerca de 2.000 pessoas (Godoy, 2015).

Caracterizada pelo clima úmido tropical, a TI tem sua área habitada por: povos Awá-Guajá, Tembé, Timbira e o Ka’apor (Figura 1). A rotina das aldeias atuais é baseada, principalmente, em atividades de subsistência como caça, horticultura e pesca (em menor frequência). Para as mulheres, fica reservado o trabalho da casa e atividades de artesanato;



### 2.3 CONEXÕES LINGUÍSTICAS ENTRE O POVO KA'APOR

*Ka'apor* é uma língua do tronco linguístico Tupi<sup>3</sup>. O tronco está composto por dez famílias linguísticas ou ramais: *Puruborá*, *Ramaramá*, *Mondé*, *Tuparí*, *Arikém*, *Jurúna*, *Mundurukú*, *Mawé*, *Awetí* e *Tupí-Guaraní*. De acordo com essa classificação, o povo *ka'apor* pertence ao subgrupo viii desta família (López Palomino, 2017). A língua *Ka'apor* não é falada como primeira língua por nenhuma outra comunidade indígena conhecida, exceto como segunda língua dos seus vizinhos *Tembé* e outros poucos habitantes indígenas das proximidades do rio Gurupi (Andrade, 2009).

White e Dillingham (2009, p. 11-23) enfatizam que somente o homem tem a capacidade de simbologizar, ou seja, a capacidade de criar, atribuir e compreender significados. Para os referidos autores, “os significados das palavras, escritas ou faladas, não são inerentes a elas [...]. Os significados lhe foram atribuídos, de forma livre e arbitrária, e só podem ser compreendidos por causa da capacidade de simbologização do homem”. Os autores sintetizam, também, que “a cultura é realizada pela simbologização”.

Podemos inferir que o mesmo processo ocorreu com os *Ka'apor*, visto que a cultura depende da capacidade de simbologização, expressada pelo discurso articulado (White; Dillingham, 2009), onde eles desenvolveram a própria língua de sinais para Surdos, denominada Língua dos Sinais Kaapor Brasileira (LSK) (Ferreira-Brito, 1984), utilizada possivelmente antes mesmo da Libras ser oficializada no Brasil.

A pesquisadora Lucinda Ferreira-Brito (1986) desenvolveu importante estudo linguístico sobre a língua *Ka'apor* e conseguiu analisar como o contexto social interfere no desenvolvimento da comunicação e educação dos Surdos, enfatizando a distinção dos Surdos que vivem em centros urbanos, a repressão que passavam com a obrigação da oralidade – ou seja, aprender falar – e algumas proibições, demonstrando, paralelamente, o desenvolvimento dos Surdos no grupo *Ka'apor* onde viviam sem nenhuma distinção social (Godoy, 2015).

Há estudos preliminares que abordam a surdez nas aldeias *Ka'apor*, para além de Ferreira Brito, entretanto, a maioria das pesquisas tem menor profundidade, como exemplo Ribeiro (1996, 2020) em sua primeira expedição entre os *Ka'apor*, em 1950, onde relata sobre uma Surda chamada *Nambú* – o pesquisador faz uma explanação simplista – essa Surda tinha sessenta anos, a mais velha relatada nos estudos aqui

---

<sup>3</sup> Aryon D. Rodrigues (1984-1985) estabeleceu uma organização das línguas tupi-guarani, ainda hoje a mais utilizada entre os estudiosos do meio linguístico, entre outros pesquisadores, tendo como base mudanças sonoras compartilhadas da língua hipotética dita proto-tupi-guarani (Godoy, 2015).

investigados, isso significa que podemos inferir sobre a possibilidade de a mesma ter nascido pelo menos em 1890, ou seja, a língua de sinais dessa geração muito provavelmente já existia no início do século XX, ou no final do século XIX, isto porque Huxley (1956) também relata sobre outro Surdo adulto chamado *Engaí* entre os Ka'apor, assim como outras pesquisas sobre Surdos.

A língua dos Surdos Ka'apor, ainda na atualidade, é considerada o primeiro caso noticiado de línguas de sinais entre comunidades indígenas no país; posteriormente, foram localizados outros grupos com populações Surdas<sup>4</sup> como os *Kaiowas* (Vilhalva, 2012), onde estudos sobre o sujeito Surdo na aldeia foram desenvolvidos (Godoy, 2015). De acordo com Balée (1998), até a década de 1980 a população Surda nas aldeias Ka'apor somavam o total de 2%, sendo que essa incidência de surdez se deveu evidentemente à boubá neonatal e endêmica, dados que, entram em conflito com as informações levantadas por Ferreira-Brito (1984), a pesquisadora identificou uma queda acentuada no número de Surdos, cerca de 1% em um grupo menor que 500 indivíduos na década de 1983 (Godoy, 2020; Nyst, 2012). Segundo Andrade (2009), o fato da sociedade Ka'apor pensar e significar uma forma de comunicação através de gestos mostra a sua capacidade de construir cognitivamente estratégias comunicacionais e educativas, pois elaboraram um sistema próprio de linguagem, de maneira a possibilitar um intenso diálogo com os *ipo te'e pandu*<sup>5</sup>, fazendo todo processo de aceitação e socialização ser mais efetivo no grupo.

Hoje, é notório que ocorreu uma profunda redução da presença dos Surdos nas aldeias Ka'apor, os estudos recentes de Godoy (2020) da tese *Os Ka'apor, os gestos e os sinais* nos atestam isso, os dados são dos anos de 2014 a 2018, de acordo com o autor:

Atualmente, a língua de sinais é utilizada por um número de 13 a 15 surdos, distribuídos em cinco aldeias: Xie, Axingi, Ama'y ty renda, Bacurizeiro e Ximborenda. Digo “de 13 a 15”, uma cifra baixa, entretanto incerta, porque não conheci a aldeia Ximborenda, ondem moram vários surdos [...] a população das aldeias onde moram surdos soma mais de 1.000 pessoas, sendo, aproximadamente, metade da população da TI Alto Turiaçu, estimada entre 2.000 e 2.300 pessoas. Do total de habitantes, é difícil contabilizar exatamente os ouvintes sinalizantes, fazer o levantamento de quais ouvintes sabem os sinais e qual sua proficiência [...] na aldeia Xie, há dois surdos, Irasui e Maku, numa população total de 114 pessoas. Na aldeia Axingi, há cinco surdos: Jarara Pirã, Kaka Putyr, Panhuwa Putyr, Didi e Parawa'yhu. Esta aldeia contava com 495 habitantes no final de 2018 (mais uns vinte bebês ainda nas barrigas das mães). Estes sete foram os surdos que conheci. Além deles, na aldeia

<sup>4</sup> Existem surdos indígenas também entre os Kaingangues (Giroletti, 2008), na comunidade Várzea Queimada (Pereira, 2013), os Terenas (Sumaio, 2014), entre outros.

<sup>5</sup> *Ipo te'e pandu* significa pessoas surdas no grupo Ka'apor.

Turizinho, conheci Pororo, uma jovem que tem paralisia parcial na metade do corpo. Como Pororo não consegue controlar totalmente sua boca, sua fala não é fluente. É por isto que utiliza alguns sinais para se comunicar, embora seu uso se diferencie da dos surdos (Godoy, 2020, p. 61-62).

Na contemporaneidade, os Ka'apor remanescentes demonstram que, esses processos comunicacionais dos Surdos construídos gradativamente ao longo do tempo e espaço, garantiram o atual processo de interação social dos Surdos nas aldeias, assim, os Surdos Ka'apor conseguem desenvolver uma boa relação social com os ouvintes.

A Língua de Sinais Ka'apor é difundida entres os Surdos e os chamados ouvintes sinalizantes, inclusive a maioria dos ouvintes Ka'apor sabem as línguas de sinais e são imprescindíveis para a base social da língua nas aldeias, “se os surdos são sinalizantes por condição física, os ouvintes o são pela condição social que os liga aos seus patrícios surdos” (Godoy, 2020, p. 62). Assim, corroborando com Ferreira-Brito (1997, p. 19) “as línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porquê [...] permitem a expressão de qualquer conceito”, logo a relação Surdos-ouvintes nas aldeias Ka'apor surgiu como uma necessidade de interação comunicacional nesse grupo indígena.

A comunicação do indivíduo Surdo nas aldeias Ka'apor ultrapassa os próprios Surdos, pois a partir dela o diálogo se faz presente em todos os espaços que o grupo ocupa, a surdez nas aldeias não impede de modo algum a comunicação com os não surdos, ao contrário disso, não há estranheza alguma entre os Surdos e ouvintes de aldeias diferentes, o Surdo visitante, mesmo que de uma aldeia mais distante, tem a capacidade de se comunicar com membros daquela aldeia, sejam Surdos ou não, como exemplo podemos citar a aldeia *Paraku'y*, onde não há Surdos, todavia os ouvintes conhecem a língua de sinais (Balée, 1998; Godoy, 2020; Gomes, 2020). Entretanto, os Surdos não têm acesso à linguagem oralizada/falada.

Esses dados levantados no presente artigo demonstram que a LSK pode ser classificada como uma *língua de sinais compartilhada* (shared sign languages), por envolver surdos e ouvintes diretamente, como argumentam Kusters (2014) e Nyst (2012), segundo as autoras a língua de sinais compartilhada é uma “comunicação integral”, ou seja, é uma linguagem espontânea e automática quando esses indivíduos – ouvintes e Surdos – se comunicam. O mesmo é enfatizado por Sasaki (2019, p. 143) sobre acessibilidade comunicacional, que “significa acesso sem barreiras na comunicação”.

Podemos deprender que possa existir uma cultura surda entre os indivíduos Ka'apor, e não apenas Surdos compartilham dessa comunicação, mas os próprios ouvintes que, em certa medida, influenciam alguns modelos de aquisição de sinais para os Surdos, claramente a convivência mais próxima com Surdos (Godoy, 2020), sejam eles parentes ou amigos ajudam os ouvintes a se tornarem mais aptos a língua de sinais.

Com isso, percebemos que os Ka'apor, representam um exemplo de comunidade inclusiva, onde Surdos e ouvintes possuem participação igualitária nas aldeias, conforme ressaltado por Sasaki (1997), o processo de inclusão social corresponde à adaptação da sociedade para incluir em seus sistemas sociais pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais para assumirem seus papéis na sociedade. Fato este que ainda não encontramos na sociedade contemporânea, onde apenas uma pequena parte dos ouvintes conseguem se comunicar por libras com os Surdos.

### 3 MÉTODO

O presente artigo deriva de uma pesquisa bibliográfica, pois de acordo com Fonseca (2002, p. 32), “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”. Os instrumentos de coleta de dados foram livros, artigos científicos, monografias e dissertações, “[...] com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta”.

De acordo com Severino (2007, p. 122),

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Segundo Gil (2002, p. 45) a vantagem da pesquisa bibliográfica reside na possibilidade do investigador ter uma gama de fenômenos muito mais abrangente, ampliando o que poderia pesquisar pontualmente. “Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço [...] seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados”. Assim, essa pesquisa exigiu análise e seleção de documentação histórica e etnográfica, desde teses a acervos imagéticos, na tentativa de obter o maior

número de informações sobre o povo Ka'apor e sua literatura acerca dos surdos nas aldeias, que nortearam este estudo. Salienta-se, ainda, que esta pesquisa se baseia na existência de diversas sínteses realizadas acerca dos Ka'apor, em sua maioria de pesquisas etnográficas, que muito agregaram, tornando mais branda a organização e desmembramento das informações.

O levantamento bibliográfico, para alguns pesquisadores, é um dos problemas mais sérios a serem equacionados. Em função da disponibilidade dos bancos de dados bibliográficos e da profusão de artigos científicos, torna-se um grande obstáculo a escolha dos documentos mais adequados na construção da argumentação teórica fundamental às pesquisas (Treinta *et al.*, 2014). Portanto, é imprescindível um levantamento bibliográfico de qualidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando ao objetivo primário deste artigo que consiste em identificar se era possível uma cultura Surda entre os Ka'apor e, de acordo com a análise dos resultados, percebemos que existe, sim, cultura surda entre os Ka'apor, pois os dados convergem com os variados conceitos de cultura e cultura Surda, explanados no presente artigo.

Ressaltamos que esse trabalho visa elucidar tal afirmação a partir das perspectivas advindas das leituras e interpretações dos autores para a construção desse trabalho. Concluimos sobre essa existência de uma cultura surda entre os Ka'apor baseados principalmente nos dados recentes levantados por Godoy (2015, 2020) que corrobora com os estudos de Balée (1998) e Ferreira-Brito (1986).

Esta cultura Surda é essencial para aceitação e participação social dos Surdos entre si e entre os ouvintes, fazendo com que eles possam ser inseridos nas comunidades. Levando em consideração os dados analisados, identificamos isso entre os Ka'apor, onde Surdos e ouvintes compartilham de uma Língua de sinais própria, que é um dos aspectos definidores da “auto-identidade” deles, fundamentados com Kusters (2014) e Nyst (2012) com a supramencionada *comunicação integral*.

Sobre este aspecto é importante pontuar o alcance da capacidade de comunicação que a LSK atinge, dado que se perpetua nas aldeias e nos demais espaços e vínculos. Destacamos que esta projeção social e interativa da Língua ocorre sem nenhum privilégio aos ouvintes ou surdos, e vice-versa, destarte essa configuração social alcança um equilíbrio dos indivíduos nas aldeias Ka'apor, onde os Surdos têm as mesmas interações

e ensejos dos ouvintes, tornando-os em um exemplo de comunidade inclusiva para a sociedade contemporânea, visto que inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir todos os indivíduos, com e sem deficiência, em seus sistemas sociais.

Sabemos que a cultura Surda não se resume apenas ao uso da língua de sinais, apesar desta ter um papel preponderante na sua constituição. A limitação de dados, interpretações e poucos estudos minuciosos sobre a língua de sinais do povo Ka'apor dificultam tal corroboração. Com isso, ressaltamos a necessidade de maior aprofundamento das pesquisas sobre a surdez entre os Ka'apor, suas correlações com os rituais realizados, com a arte produzida e o cotidiano no geral deste povo, tendo em vista que não foi possível fazer uma pesquisa de campo nas aldeias. Por conseguinte, este estudo serviu também como um suporte teórico e de reflexão para tal propósito, intencionando para os próximos estudos, aprofundar o debate.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Maria Mendes de. **Ipy'a pe ukwa katu te'e—Ele sabe por si mesmo:** uma etnografia do saber-fazer cotidiano e ritual na formação da pessoa Ka'apor. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009;
- ARAÚJO, Lorrain Tyson dos Santos. **Língua e cultura no processo de tradução ka'apor:** ajustes Linguísticos em Empréstimos do Português. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- BALÉE, William L. Biodiversidade e os índios amazônicos. *In:* CASTRO, Eduardo Viveiros de; CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **Amazônia:** etnologia e história indígena. São Paulo: USP-NHII/FAPESP, 1993. (Estudos). p. 385-93.
- BALÉE, William L. Footprints of the forest: Ka'apor ethnobotany. *In:* BALÉE, William L. **The historical ecology of plant utilization by an amazonian people.** New York: Columbia University Press, 1994.
- BALÉE, William L. Historical ecology: premises and postulates. *In:* BALÉE, William L. **Advances in historical ecology.** New York: Columbia University Press, 1998. p. 13-29.
- BALÉE, William L. Nomenclatural patterns in Ka'apor ethnobotany. **Journal of Ethnobiology**, Boston, v. 9, p. 1-24, 1989.
- BALÉE, William L. Os Urubu Ka'apor: quem são. *In:* CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO. **O índio imaginado:** mostra de filmes e vídeos. São Paulo: CEDI/SMCSP, 1992. p. 43-46.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural.** Organização Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. *In:* ALMEIDA, Wolney Gomes (org.). **Educação de surdos:** formação, estratégias e prática docente. Ilhéus: Editus, 2015. p. 11-26. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/m6fcj>. Acesso: 16 jun. 2022.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio. **Varição linguística em Língua de Sinais Brasileira:** foco no léxico. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.
- DIAS, Jose Alves; MENENDEZ, Larissa Lacerda. História e memória: o protagonismo dos Ka'apor no Maranhão. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 35-53, 2021.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura.** São Paulo: UNESP, 2003.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Educação especial:** língua brasileira de sinais. Brasília, DF: MEC/SEESP, 1997.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. Integração social do surdo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 7, p. 13-22, 1986.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Similarities & differences in two brazilian sign languages. **Sign Language Studies**, Baltimore, v. 42, p. 45-56, 1984.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GARCÉS, Claudia Leonor López *et al.* Conversações desassossegadas: diálogos sobre coleções etnográficas com o povo indígena Ka'apor. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 12, p. 713-734, 2017.

GARCÉS, Claudia Leonor López. O mundo da horticultura Ka'apor: práticas, representações e as suas transformações. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 11, n. 1, p. 133-158, 2016.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-58.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar kaingang**. 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GODOY, Gustavo. **Dos modos de beber e cozinhar cauim**: ritos e narrativas dos ka'apores. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GODOY, Gustavo. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, Elenira Oliveira. Introdução histórica da língua de Sinais Kaapos. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco, v. 3, n. 1, p. 33-41, 2020.

HUXLEY, Francis. **Affable Savages**. New York: Viking Press, 1956.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KUSTERS, Annelies. Deaf gain and shared signing communities. In: BAUMAN, H-Dirksen L.; MURRAY, Joseph J. **Deaf gain**: Raising the stakes for human diversity. Minnesota: University of Minnesota Press, 2014. p. 285-305.

LANE, Harlan. Do deaf people have a disability? In: BAUMAN, H-Dirksen L. (org.). **Open your eyes**: deaf studies talking. Minneapolis: University of Minnesota, 2008. p. 277-292.

LÓPEZ PALOMINO, Cristabell. **Sem a floresta os Ka'apor não existem, sem os Ka'apor a floresta não existiria**: o pensamento político Ka'apor e a política interétnica. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

MARTINS, Emerson. **Cultura surda, educação e novas tecnologias em Santa Catarina**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

NYST, Victoria A. S. Shared sign languages. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (eds.). **Sign language: an international handbook**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 552–574.

PEREIRA, Éverton Luís. **Fazendo cena na cidade dos mudos: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí**. 2013. 418 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da S.; LOPES, Maura C. (org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. Identidade cultural surda na diversidade brasileira. **Espaço**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 34-41, 2001.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Sur Sur-CLACSO, 2005.

RIBEIRO, D. **Diários índios: os urubus-kaapor**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios: os urubus-kaapor**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2020.

RIBEIRO, Darcy. Os índios urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical. In: SCHADEN, Egon. **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 23-43.

RIBEIRO, Darcy. **Uirá sai à procura de Deus**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda**. Petrópolis: Arara Azul, 2010.

SÁ, Nídia Regina Limeira. Existe uma cultura surda? In: SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **As sete dimensões da acessibilidade**. São Paulo: Larvatus Prodeo, 2019.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES**, Coimbra, v. 18, p. 1-5, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terena**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

TREINTA, Fernanda Tavares *et al.* Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Production**, São Paulo, v. 24, p. 508-520, 2014.

VILHALVA, Shirley. **Anatomia do sentimento surdo**: um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Curitiba-PR: CRV, 2012.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Tradução Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.